

Mestre de Mestres

ou

Do magistério de Leonardo ao magistério dos discípulos

No capítulo sobre *Deus e as Mónadas* que constitui por assim dizer a cúpula da obra em que apresentou a primeira exposição do seu pensamento e que intitulou *Criacionismo (Esboço de um Sistema Filosófico)*, Leonardo Coimbra distancia-se radicalmente da teologia e da teodiceia de Sampaio Bruno, refutando o seu emanatismo e o movimento ternário involuntário e misterioso de que teria decorrido o aparecimento do mundo e a que quedaria ligado o seu destino escatológico.

A seu ver a teoria de Bruno, provocada pelo desejo de conciliação do Mal em acção (neste) mundo com um Deus bondoso levou-o a uma formulação arbitrária: a de que, tendo havido *no princípio a Perfeição, o espírito homogéneo e puro*, num segundo momento, *mercê do efeito de um mistério*, ficou *o espírito diminuído e a seu par a diferença que se tornou heterogénea, isto é, o mundo*. No terceiro momento, *reintegrar-se-á o espírito puro, pela absorção final de todo o heterogéneo*¹.

Como se dará esta reintegração? Neste ponto Sampaio Bruno é pouco explícito. Em seu entender, ao socorro da inspiração divina e do milagre, junta-se desde o *átomo primo*, como diz, *a direcção do movimento*, vocacionada para o regresso ao espírito puro².

São no homem a razão e no animal o instinto as grandes faculdades reintegrativas, com primazia evidente para a razão humana ou para a filosofia. Mas à razão humana acrescentam-se a eficácia da *oração* («aspiração do espírito alterado para o espírito puro»), a ajuda do

¹ BRUNO, *A Ideia de Deus*, Livr. Chardon, Porto, 1902, p. 460.

² *Ibid.*, p. 465.

milagre («emanação que impulsiona o espírito alterado a avançar na libertação») e a colaboração da *Providência* («concurso do espírito puro diminuído com o espírito alterado para, pela libertação deste, se completar, reintegrando-se no absoluto») ³.

Mas é fundamentalmente o homem, com a sua razão, com a sua filosofia, o herói escatológico, em expressão que já usámos, que não só se *libertará* a si, mas também aos *outros seres*, cumprindo o fim superior de ajudar a *evolução da natureza* ⁴.

O homem-herói escatológico é como que uma sublimação do Desejado e do Encoberto do mito sebastianista. Na verdade, como afirma em *O Encoberto, o sebastianismo coincide com o filosofismo* ⁵ ou, mais adequadamente, é como que o seu prefácio mitológico.

No entanto, Bruno parece referir-se ao mesmo tempo ao homem como género, ao *anthropos*, e ao homem como herói concreto, profeta e revelador, cabeça de proa da evolução humana e cósmica, produto individual da questa filosófica da humanidade.

Não sendo *omnipotente*, sendo um *espírito alterado*, Deus outra coisa não pode fazer senão ajudar o filósofo, inspirá-lo, estimulá-lo. E é deste conúbio entre um Deus omnisciente embora não omnipotente, e um homem-pensador nem omnisciente nem omnipotente, mas moralmente votado a uma tarefa cósmica e universal, que nascerá um dia esse expoente sábio da humanidade e promotor da reintegração final do Heterogéneo no Homogéneo, que Bruno define de vários modos: um *Supra-homem reverente* ⁶ que haja atingido o *estado superior da perfeição, ou seja, do movimento*; um *Buda experimentalista e dialéctico*; um *Cristo, cujos prodígios sejam argumentos* ⁷.

Então o movimento individual, pelo exercício da sabedoria e pela prática da santidade (o que virá a consistir no mesmo) convergirá, indescrepantemente, para a absorção recuperadora. A resorção do cosmos continuará a reintegração de infinito no perfeito. *Haverá Deus, e um Deus só, e só Deus* ⁸.

O que será, em termos pedagógicos e culturais, esta sublimação do homem comum, mesmo do homem-pensador, no *supra-homem reverente*, no Buda-dialéctico ou no Cristo-lógico, não o diz senão muito vagamente o filósofo português, quando se refere à

³ Ibid., pp. 465 e 466.

⁴ Ibid., p. 470.

⁵ BRUNO, *O Encoberto*, Porto 1904, p. 379.

⁶ *A Ideia de Deus* p. 483.

⁷ Ibid., pp. 481 a 483.

⁸ Ibid., p. 483.

convergência da sabedoria e da santidade, da filosofia ou da ciência e da ética.

Leonardo Coimbra detecta toda a fragilidade desta concepção, quando diz que *o problema do Mal permanece afinal em todo o seu trágico desafio e Deus teria de jogar o esconde-esconde com o mundo. Se é uma diminuição sofrida, Deus, contra a tese, nunca teria sido a Perfeição.*

E Leonardo escreve: *No princípio, uma arbitrária perfeição, arbitrariamente diminuída; depois uma arbitrária exaltação, arbitrariamente estagnada na pura identidade da Consciência divina. Depois, aquela parte do espírito diminuído mas puro, que acode às fraquezas do espírito alterado, é um novo mistério.*

Quer dizer: substituindo um mistério, o mistério do mal em contradição com a bondade divina, por outro mistério, o mistério do espírito puro diminuído e do espírito alterado, Sampaio Bruno ergueu uma construção teodiceica agradável às suas exigências pessoais de espiritualista anti-católico ou anti-eclesiástico, mas não nos ofereceu uma convincente teoria de Deus, da Natureza e do Homem.

Face a Bruno, como face a Hamelin, cujo pensamento também critica na mesma ocasião, Leonardo Coimbra vai afirmar o criacionismo de um Deus não só puro e íntegro em si próprio, mas amoroso do ser criado.

Deus é na verdade, como expressamente escreve, o criador do Mundo, não como uma degenerescência sua, mas como *uma sociedade de Mónadas.*

A criação divina é um *pensamento* que é cumulativamente um *fazer*. Feito à imagem e semelhança de Deus, também o homem é *criacionista*.

Qual a direcção do seu criacionismo? Não o regresso ao Homogéneo ou a Deus, como queria Bruno, mas a sua plena realização humana quer em si próprio, como indivíduo, quer como ser social. Eis a sua missão, eis o sentido da sua teleologia. O caminho para *uma sociedade ideal de mónadas livres e amorosas*⁹, para *uma sociedade universal de simples e verídica fraternidade*¹⁰, para que os homens, em seu livre arbítrio, dedicarão todo o seu esforço, mas tendo o direito de esperar o auxílio de Deus ou, nas suas próprias palavras, *a infinita actividade do bem, sempre pronta e dádiosa*¹¹.

⁹ *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Ed. Lello & Irmão, Porto, 1983, Vol. I, p. 385.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*

É certo que o mal existe, o mal é aquela realidade que justamente affligiu Sampaio Bruno, mas Leonardo vê-o como o «*cousismo moral da pessoa*», como «*a actual ignorância dos determinismos da acção*», como o resultado de ser o Universo «*uma sociedade de almas que se ignoram e que se buscam*». Contudo, Leonardo é um pensador optimista e ei-lo que escreve: «*se o mal existe, infinito é o horizonte moral rasgado pelo bem*»¹².

Como pode o homem, beneficiando embora deste *horizonte moral rasgado pelo bem*, vencer os cousismos e os determinismos, para por fim realizar uma *sociedade ideal de mónadas livres e amorosas*?

Por intermédio do seu criacionismo próprio, reflexo inferior, mas analógico, do criacionismo divino. Por intermédio do seu pensamento activo, na dupla instância de pensar o pensamento criador divino e de lhe acrescentar o seu próprio pensamento criador, não decerto divino, mas construtor da realidade relativa em que se move.

O seu livro *O Pensamento Criacionista* parte efectivamente da asserção de que *toda a realidade é pensamento e, do granito ao homem, tudo é harmonia, ideia ou pensamento*¹³. Daí o seu propósito de fazer a *demonstração da realidade como sistema dialéctico do pensamento*¹⁴. Mas, se a realidade é na verdade um sistema dialéctico de pensamento, o pensamento humano também nele tem lugar. Daí, a sua convicção de que é *insubstituível a colaboração do pensamento na construção da realidade*¹⁵.

Aliás, acrescenta, *a cada momento pensar é construir, e o mínimo pensamento é original e profundo, é uma relação posta, que, portanto, sistematicamente envolve o Universo. Pensar é criar, o pensamento é uma atitude, é uma vida comovida e total. Este é o pensamento criacionista.*

Porque *pensar é criar* e porque só é livre o homem criador, que se realiza no seu pensamento autónomo e na sua criatividade, a filosofia é para Leonardo Coimbra o *órgão da liberdade*¹⁶.

Mas a filosofia como liberdade é essencialmente a filosofia criacionista. O pensador escreve: *Coordenar sensações é já estar acima do seu caótico fluxo, mas construir a consciência dessa superioridade para a subordinar a fins ideais é verídica liberdade*¹⁷.

¹² Ibid..

¹³ *O Pensamento Criacionista*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. II, p.7

¹⁴ Ibid., p. 8.

¹⁵ Ibid., p. 15.

¹⁶ *O Criacionismo*, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. I, p. 10.

¹⁷ Ibid..

Tal o método que corresponde à própria *vida do pensamento*. Na verdade, *o espírito humano é criador e tem a liberdade de opor, ao fluxo sensual, afirmações ideais*.

É bem conhecida a máxima que de certo modo Leonardo coloca como ilustração sintética do seu pensamento: *O homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer*¹⁸.

Noutro texto, o filósofo descreve os dois momentos fundamentais da filosofia criacionista. O primeiro é *o estabelecimento da realidade da pessoa humana e da consciência como a mínima realidade incontestável*¹⁹.

O segundo é *a redução da realidade às mónadas e a Deus*²⁰.

As mónadas — com a sua identidade, autonomia e movimento próprio, procurando vencer, na gesta cósmica e humana, os seus determinismos e os seus cousismos particulares. E Deus, Deus-Criador e Deus-Amor, insuflando o Bem, como irradiação de esperança no mundo. É assim que, *no sentido do Universo caminham todas as vidas*²¹; e é assim que *a palavra universo é a mais bela e a mais filosófica de todas as palavras que o sentimento dos povos gerou. É penetrada de tendência, ascensão e heroísmo. E a civilização humana só tem sentido e valor integrada nessa total tendência para a unidade consciente e senhora de si*²².

Como pode porém o homem, o homem individual, o homem comum, o homem concreto e situado, promover o movimento de civilização que o leve até ao plano teleológico antes apontado por Leonardo, o de uma *sociedade ideal de mónadas livres e amorosas*, na universalidade peregrinante para a Unidade, para o Amor e para a proximidade possível com Deus?

Leonardo Coimbra responde que a filosofia criacionista, é não só um *método dialéctico e construtivo*, mas também um *método pedagógico*.

Construindo o homem, construindo a sociedade, ela conduzirá e orientará a civilização. Por intermédio dos pensadores, dos filósofos imbuídos de tal doutrina anti-cousista? Sim, mas a filosofia criacionista tem de comungar com a virtude, com o bem, com a santidade, com o amor e com a graça. Lembremos neste ponto Sampaio Bruno. E lembremo-lo também quando Leonardo Coimbra anuncia deste modo a sua versão do *supra-homem reverente e sábio: A experiência humana prova a possibilidade de acção supra-normal das*

¹⁸ Ibid., p. 11.

¹⁹ O *Criacionismo* in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. I, p. 392.

²⁰ Ibid..

²¹ O *Pensamento Criacionista* in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. II, p. 138.

²² Ibid., p. 155.

*mónadas e indica a possibilidade duma acção supra-normal das mónadas humanas. Abre assim o campo do progresso moral a uma comunicação das mónadas, que, desde já, alargasse a vasta sociedade espiritual*²³.

*Acção supra-normal das mónadas humanas... com vista, diz também, à criação de uma sociedade de mónadas religiosas, construtora do Universo. Filosofia de alegria, coragem e conforto, benvida, acrescenta, numa época de desânimo, desconfiança e irreflexão*²⁴.

Tal concepção supõe realmente uma pedagogia, pedagogia capaz de levar as mónadas humanas, valorizadas, cumpridas nas suas virtualidades de pensamento, de amor e de acção, a uma aptidão de *supra-normal actividade*.

E tal pedagogia implica antes de mais nada, em Leonardo Coimbra, uma reflexão acerca do que poderíamos considerar uma dialéctica da situação nacional-cultural do homem e da teleologia universalmente humana, modalidade educacional da velha dialéctica do múltiplo e do uno.

É precisamente o tema da tese que apresentou em 1926 ao Congresso da Esquerda Democrática e a que deu o título de *O Problema da Educação Nacional*. Aí apontou muito claramente que a finalidade da educação é *cultivar as liberdades criadoras da cultura nacional-humana*²⁵. E explica perfeitamente esta concepção da cultura: *A finalidade meramente humana seria uma abstracção se desprezasse as realidades nacionais porque os valores da cultura são universais em sua essência abstracta, mas nacionais em suas formas actuais de existência*²⁶.

Por outras palavras, *se a educação nacional terá como finalidade a prosperidade e o engrandecimento de uma Nação, variando pois os métodos educativos com o ideal nacional*²⁷, contudo o ideal nacional não deve ser exclusivista, dominador, absorvente, idólatra, ao contrário deve procurar um humanismo universalista no quadro cultural-nacional e a partir dele.

Podemos dizer que, assim como Leonardo postula um *criacionismo individual*, a partir do espírito e do pensamento do indivíduo que cria porque pensa e enquanto pensa, igualmente postula um *criacionismo nacional*, a partir do espírito colectivo ou do pensamento do povo que faz a nação. Como escreveu em *O Criacionismo*, *só pode aliás haver*

²³ O Criacionismo in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. I, pp. 392 e 393.

²⁴ *Ibid.*, 391.

²⁵ *O Problema da Educação Nacional* in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. II, p. 923.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*, p. 922.

renascença do próprio espírito dum povo quando este, descaracterizado por influência estranhas, procura o seu verdadeiro espírito²⁸. Afirmção central entre os poetas e pensadores da Renascença Portuguesa, como Teixeira de Pascoaes, quando dizia ser necessário *instruir, educar e criar portugueses segundo a verdade portuguesa*²⁹.

Ao afirmar como propósito da *educação nacional*, a *criação e expansão dum lusitanismo que seja a travessia do espírito cultural em almas portuguesas*³⁰ ou a expansão do lusitanismo em terras onde se fala português, como o Brasil, país onde se diz *amor em língua portuguesa*, Leonardo põe como condição que tal expansão resulte de uma *profundidade de interiorização (...), acordando almas e formando liberdades por uma educação que não se destine a animais de carga, mas a consciências ávidas e fortes*³¹.

Contudo, preconizando embora o alargamento da instrução primária à criança pelas *escolas primárias superiores*³², o acesso à Universidade, seja qual for a condição económica do jovem, defende Leonardo que nem todos estão destinados a ser aquelas *mónadas humanas supra-normais*, filósofos criacionistas, condutores e construtores de uma civilização de *mónadas fraternas e amorosas*.

Este ponto é fundamental, na pedagogia de Leonardo Coimbra, que visa a formação de *elites*.

Como disse em *O Pensamento Criacionista, a liberdade dum pensamento que se possui e excede, que fazendo de si ponto de apoio, abraça e mede todo o Universo, só é atingida por impetos e escaladas. Kant e Newton e Dante são promontórios erguidos da planície a dominar o planeta*³³.

Por outro lado *se a luz primordial vem do alto, a luz difusa, isto é, a luz do pensamento humano, só poderá servir encontrando olhos abertos de curiosidade e pesquisa. E ainda: Só libertando os oprimidos, o que por sua vez só é possível por esforço próprio, bem intencionado e honesto, será possível a vulgarização*³⁴.

Mas Leonardo acrescenta: *Nenhum, livro, nenhuma ideia, se dirige, pois, aos ignaros: mas sim às almas atentas capazes de a lerem à luz do sol, sob o docel do Firmamento.*

²⁸ O Criacionismo, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. I, p. 239.

²⁹ TEIXEIRA DE PASCOAIS, *A Arte de Ser Português*, Lisboa, 1978, p. 12.

³⁰ O Problema da Educação Nacional, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. II, p. 442.

³¹ *Ibid.*, p. 943.

³² Escolas que ele criou quando Ministro da Instrução.

³³ O Pensamento Criacionista, in *Obras de Leonardo Coimbra*, Vol. II, p. 7.

³⁴ *Ibid.*, p. 8.

Nós, que falamos na planície, mas de frente levantada ao alto, de alma universalmente humilde, só podemos ser escutados por almas capazes do Todo e do Mistério.

Quem são essas *almas capazes do Todo e do Mistério*, abertas à filosofia criacionista, isto é, à verdadeira filosofia, que, passando pelo conhecimento de todas as grandes correntes do pensamento antigo e moderno, detectando o momento em que cristalizaram, petrificaram, em suma, cousificaram —, contudo elaboraram a partir delas, conseguindo superá-las por um pensamento pessoal, movente, aberto ao todo e ao Mistério, por isso tocado pela Graça, construtivo da realidade humana e da liberdade natural?

Leonardo confia neste ponto no que chama os *centros de invenção*, através dos quais a sociedade se excede. Tais centros seriam, conforme sugeriu na sua conferência sobre *O Problema da Educação Nacional*, as Universidades, a seu ver constituídas essencialmente pela *Faculdade de Ciências da Natureza*, pela *Faculdade de Ciências do Espírito* (humanística) e pela *Faculdade de Filosofia*. Mas é a esta última que incumbe a seu ver o *cumprimento* de todo o afã universitário; depois do estudo das leis e princípios científicos, depois do conhecimento das humanidades, a filosofia é por assim dizer o *centro de invenção* sublimatório, dinâmico e espiritual que tudo o mais coordena e tudo o mais esclarece.

Note-se que os seus centros inventivos *não se limitam a meras combinações de possibilidades humanistas, já realizadas, criam em todo o vigor do termo, uma nova vida total, colocada, mais alto, no sentido do Universo*. E diz ainda: *Em moral, como em ciência, o pensamento dinâmico e criacionista organiza uma realidade própria, segura da sua intimidade e do seu valor*³⁵.

A nosso ver, queria Leonardo Coimbra dizer, neste livro constituído por lições proferidas em 1914, que a Universidade oficial portuguesa, nascida da reforma positivista de 1911, não satisfaz a exigência criacionista, é uma escola centrada sobre o pensamento estático, sobre um cousismo acentuado pela visão comtiana das ciências, da cultura e do pensamento.

Por isso escreve que *o pensamento estático pode conceber um mundo proporcional e viável, mas só o pensamento dinâmico lhe dará vida, movimento e verdadeira acção*. *O pensamento estático é gesto petrificado, estátua inanimada e fria, para sempre separada do seu autor*³⁶.

³⁵ Ibid., p. 137.

³⁶ Ibid..

Foi tendo em vista a ideia de uma instituição universitária como *centro de invenção* que Leonardo, ao passar pela pasta da Instituição, criou a Faculdade de Letras do Porto, em moldes inteiramente diferentes da Faculdade de Letras de Coimbra, que substituiu, bem como da instituição congénere lisboeta.

Como disse no seu discurso parlamentar sobre *A Questão Universitária*, a Universidade portuguesa não corresponde à sua *missão social*. Noutro passo, escreveu: *A alma da Pátria, a alta consciência da raça, não encontrou acolhimento no seio universitário. E quando, por consciente traição de uns, por errada política intelectual de outros, o defectismo corrói o coração português, o mesmo apagado silêncio de morte cerra os lábios do espírito universitário*³⁷.

A Universidade oficial falhou a seu ver, porque nem é patriótica, nem está animada de *um nobre espírito de liberdade*. E mais adiante: *Longe de tomar o seu legítimo e digno papel de directora da evolução, de descobrir a síntese das tendências separatistas, procurar a unidade dos pluralismos díspares em que a luta de classes vai fragmentando as sociedades, ela, a Universidade, vai passivamente na fatalidade destas tendências. É assim que procura construir-se em sindicato de classe, aspira a uma autonomia estioladora, que, isolando-a da vida e das realidades sociais, a faria regressar a um conventualismo arcaico*³⁸.

A universidade, continuava, *não tem sido o maternal seio das liberdades criadoras do país, não teve voz para os grandes momentos da vida e da pátria e nem sequer soube furtar-se às tendências anti-sociais da época*³⁹.

É a partir desta crítica que Leonardo concebe e realiza a Faculdade de Letras do Porto, momento alto e singular da Universidade portuguesa, como uma projecção do espírito da Renascença Portuguesa, de que fora, com Pascoaes, um dos grandes animadores, isto é, do espírito de uma Renascença de Portugal, segundo o pensamento criador português; como uma instituição não só anti-dogmática, mas também anti-positivista e anti-materialista; como uma instituição liberal, preconizando métodos de livre pensamento e de diálogo.

E quando viu a sua obra criticada e até destruída, disse, fazendo o balanço da sua Faculdade: *Fui imperfeito na realização? Quem o não é? O que sei é que só um sincero e comovido amor da pátria e da republica me determinou. Concebi uma escola de Filosofia para onde a atracção da beleza*

³⁷ Obr. cit., Vol. I, p. 610.

³⁸ Ibid., pp. 612-613.

³⁹ Ibid., p. 616.

chamasse as almas incertas da gente moça do meu país. Quis criar-lhe o condicionalismo do sucesso e nada mais.

*Eu quis hospedar na Universidade Portuguesa, casa cerimoniosa e pesada, a própria alegria, para que uma manhã os velhos claustros ressoassem ressurreição e vida*⁴⁰.

Se é certo que a obra pedagógica de Leonardo Coimbra se viu frustrada pela extinção da Fac. de Letras do Porto; se não o é menos que o seu pensamento em tal capítulo não foi devidamente desenvolvido, pois ficamos na nossa sede, nós, os leitores de hoje, quando queremos imaginar uma Universidade como *centro de invenção*, de onde nasçam mónadas humanas capazes de *acção supra-normal*, a verdade no entanto é que de tal Faculdade saíram os discípulos e alunos que, aproximadamente entre 1940 e 1980, não só escreveram e publicaram uma obra filosófica criadora ou criacionista sem par na história do pensamento português. mas também, alguns deles, retomaram o pensamento do Mestre, quer no campo filosófico, quer no campo pedagógico, desenvolvendo-o, aprofundando-o, cumprindo-o e preenchendo muitas das suas lacunas.

Entre tais discípulos e alunos, citamos os mais conhecidos e com obra de maior vulto em seu abono: Delfim Santos, Augusto Saraiva, António Dias de Magalhães, Sant'Anna Dionísio, José Marinho e Álvaro Ribeiro.

No que se refere ao pensamento pedagógico, se um Delfim Santos, com a sua *Linha Geral da Nova Universidade*, centrada sobre a Faculdade de Filosofia ou até mesmo um Agostinho da Silva, formado na mesma Universidade, com os seus ensaios propedêuticos de uma acção baseada na profecia e no mito, ou certamente Sant'Anna Dionísio com os seus luminosos livros pensadores portugueses, tais Amorim Viana, Antero, Pascoaes e o próprio Leonardo, aproveitaram algumas sugestões de Mestre, foram no entanto José Marinho e Álvaro Ribeiro os discípulos que mais longe levaram a concepção de um magistério do pensamento, na linha de Leonardo Coimbra.

Para José Marinho, por exemplo, consequentemente com o pensamento exposto na sua *Teoria do Ser e da Verdade*, a filosofia não é objecto de ensino, mas de *iniciação*.

A educação filosófica visa a *metanoia*, a conversão intelectual do jovem de pensar emotivo, cousificado e adolescente; mas o ensino de tipo universitário normal, da Universidade-instituição não pode

⁴⁰ Ibid., p. 624.

satisfazer tal desiderato. Só uma relação pessoal *mestre-discípulo* é capaz vencer a distância impessoal do professor na cátedra e a frieza indistintiva de uma cultura livresca.

A iniciação filosófica tem segundo o filósofo três fases: a *pedagogia*, em que o intelecto infantil e adolescente é encaminhado para o enriquecimento intelectual e para o cultivo da imaginação criativa; a *paideia*, isto é, a integração da consciência individual numa cultura social, que é por um lado tradicional e pátria, e por outro universalista; e a *anagogia*, que corresponde no sistema de José Marinho aos três estádios sucessivos da *interrogação*, da consciência do *enigma* de ser e do viver, e enfim da *visão unívoca*, visão surpreendente e instantânea, em que o homem pode enfim ter a intuição ou o vislumbre de um Deus misteriosamente substancial e insubstancial, cindido e uno. A *pedagogia*, disse João Marinho, é o *estádio da razão indiferenciada*, a *paideia*, da *razão diferenciada*, a *anagogia*, da *razão sublimada*⁴¹.

A *anagogia*, que introduz à *metanoi*, recebe talvez menos da *pedagogia* do que da *paideia*. Ela é, como escreveu em *A filosofia: ensino ou iniciação?* — *aquela forma de educação sem limites nem fronteiras em que mitos e poesia, em que a mística, a religião e tudo quanto não tem ou a que não basta nome ou palavra, vem corresponder no alvo supremo ou fim último*⁴².

A essencial fonte da *anagogia* é sem dúvida essa fonte de energia espiritual que o homem recebe do alto, do mistério, do Deus que, insubstancial tornando-se substancial e portanto mais próximo do seu drama vital, lhe transmite a iluminação possibilitadora da visão ou intuição de um universo em elevação ou transcensão para além de si próprio.

Poderíamos conotar a *visão unívoca* em José Marinho com a *graça* em Leonardo. Sem dúvida é a univocidade do ser que é sentida, interpretada e exposta no capítulo final de *A Alegria, a Dor e a Graça*.

Mas onde José Marinho se separa de Leonardo Coimbra é no seu desinteresse pela acção ou por uma teoria de movimento. Gostava ele de dizer que a sua filosofia era onto-pneumo-fenomenológica. E era ou é, sem dúvida. Uma filosofia que procura discernir a fenomenologia

⁴¹ *Filosofia: Ensino ou Iniciação?*, Ed. do instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa, 1972, p. 103.

⁴² *Ibid.*, p. 27. Em Nota, esclarece o filósofo: *Assim se explicaria que as múltiplas formas de saber não científico, saber poético ou mítico-poético, as artes em geral, a mística, a religião nas suas diversas formas, e ainda em muitos casos as que se consideram vulgares ou supersticiosas, possam ter sentido e valor anagógico ali e onde o saber da razão razoável se detem. Admitimos assim que pode haver mais fecundo saber anagógico na mãe que ensina o seu filho do que em tantas formas de filosofia estritamente lógica ou lógico-empírica* (p. 103).

de um ser aberto essencialmente ao espírito, como sopro, indizível sopro, mas sopro tão real, que dele nos falamos incessantemente a poesia, o mito ou os sentimentos de carga metafísica como o da saudade.

Sob este último ponto de vista, será uma filosofia *gnósica*, o que se tornará mais patente quando forem enfim publicados os *Aforismos*, que ele tanto gostava de nos ler, a nós, os mais novos, e onde procurava surpreender com uma centelha inegável de genio a misteriosa e ambígua recorrência entre o *ser da verdade*, onde nos incluímos nós, os humanos, tendo em nós a *cisão* que é a lei do ser e do mundo, e a *verdade do ser*, que só por lampejos, por breves iluminações se dá a conhecer através da espessura e da *cisão* características da condição humana.

A educação para a *metanoia*, melhor dito, a *iniciação à metanoia* tem desta forma muito de aleatório. É um esforço *geral* na sua primeira fase, a *pedagogia*. É um esforço *individual-social-cultural*, sua segunda fase, a *paideia*, pois o iniciando ou o pensador terão de colher os seus furtos no jardim pluriforme e confuso que é a *paideia* contemporânea; aqui, sem a palavra do mestre, ele perder-se-á numa selva intrincada e seguirá as vozes mais ruidosas, que o farão desviar-se do caminho certo. E é um esforço *individual-espiritual* na terceira fase, a *anagógica*. Mas aqui chegado, aqui, neste espaço rarefeito que bem poucos logram atingir, já o esforço não é outro senão a capacidade de se abrir a uma eleição e a uma voz vindas do alto.

Ao contrário, a concepção criacionista de Leonardo Coimbra parece-me exigir uma teoria da acção e do movimento. O filósofo criacionista não só *conhece*, como o seu conhecer é um *fazer*. Como se educa para o criacionismo? Como se formam as mónadas humanas para uma sua *acção supra-normal*?

É Álvaro Ribeiro o discípulo de Leonardo Coimbra que vai responder a esta interrogação, procurando dar à aspiração idealista de Leonardo uma solução social viável.

Ele aceitará uma gnose ou uma gnoseologia e bem assim uma *pistis* não muito distantes da de Marinho, embora futuristas, anti-míticas e anti-saudosistas, mas pensando-as *soficamente*, isto é, valorizando a razão, segundo um conceito de *razão animada*.

Filósofo do movimento, dirá que a *teleologia* deve superar o que chama a *definição substancialista*. E é por isso, porque valoriza a razão, a acção, o dinamismo, a preparação dos homens para um *telos* superativo da sua condição decaída, que muito rigorosamente será capaz, no labor intelectual de uma vida inteira, de nos descrever os modos dialécticos,

culturais, psicológicos, filosóficos pelos quais os homens poderão aceder a um plano antropológico superior, análogo ao das *mónadas* criacionistas e unitivas de Leonardo.

O criacionismo de Álvaro Ribeiro parte do concreto, do estudo da antropologia e da cosmologia, tendo embora um horizonte teológico. Parte das categorias da natureza, da situação categorial dos homens, em sua idade, sexo, relação com o espaço-tempo, nível de cultura, língua, história.

Aristotélico, vê na infidelidade pós-kantiana ao magistério do autor de *Da Geração e da Corrupção*, a causa fundamental da superficialização, da uniformização, da massificação, da redução da cultura, da política e da educação aos estereótipos convencionais. Os homens e as mulheres de *intelecto passivo* tornaram-se legião; crescendo em anos permanecem adolescentais mentais. A sua concepção de uma *Escola Formal*, de um *Liceu Aristotélico*, teleológico, de uns *Estudos Gerais* renovadores e actualizadores do *Trívio* e do *Quadrívio*, visam essencialmente a transformação do homem de *intelecto passivo* no homem de *intelecto activo*.

O homem de intelecto activo é autónomo, imaginativo, inventivo, numa palavra, é um adulto de inteligência adulta, é um criacionista. Álvaro Ribeiro visou quanto a mim retomar o pensamento de Leonardo e ir, neste capítulo, onde o Mestre não tinha chegado. A sua aristotélica e filosófica educação para o intelecto activo pode ser assumida pelas instituições, tem um carácter científico ao lado de uma profunda conceptualização filosófica. Decerto todo o seu pensamento se fez ao arpejo das tendências modernas, de certo partiu de uma crítica radical ao positivismo, ao materialismo, ao idealismo e até ao existencialismo. Mas, filosofia de esperança como a afirma o filósofo, ela tem uma consciência, uma lógica, uma verdade que as gerações vindouras compreenderão melhor do que as de hoje.

O homem do intelecto activo, eis a *mónada* humana capaz de uma *acção supra-normal*, a *acção superativa* em direcção a uma sociedade baseada no amor e na verdade. No limite, e aqui Álvaro Ribeiro reencontra porventura a *graça*, segundo Leonardo e a *anagogia* segundo José Marinho, o intelecto activo poderá conduzir ao que chama uma *transcensão mental*. *Ela será o produto da síntese, nos homens superiores, da pistis, da gnosis e da sophia.*